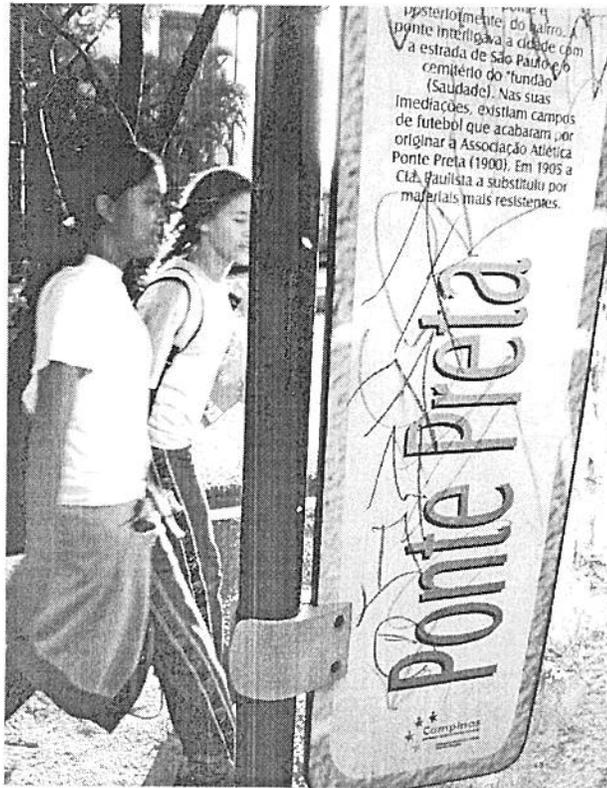

PONTE PRETA – TRÊS OLHARES

Pablo Sebastian Moreira Fernandez

Eduardo Marandola Jr.

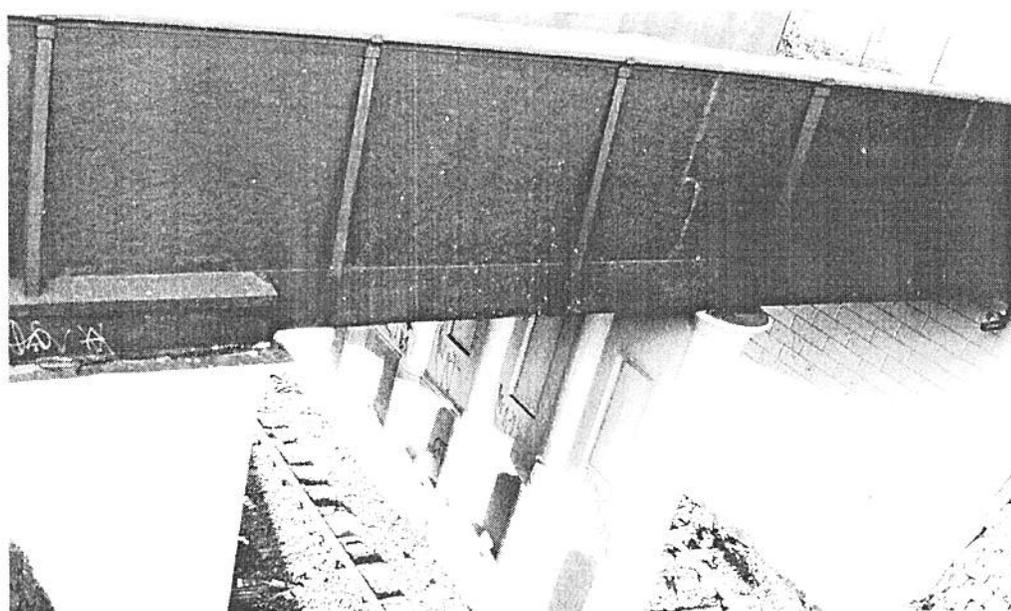
Fernanda Cristina de Paula

Este ensaio fotográfico foi composto, enquanto narrativa visual, a partir da investigação geográfico-caminhante no bairro da Ponte Preta. Três olhares, três percursos que aqui projetam o bairro, seus recôncavos, singularidades, perplexidades, urbanidade. Estórias, personagens, sazonalidades, espaços sagrados e profanos. Vários templos, a vários deuses. Gentes, tempos, espaços, territorialidades. A Ponte Preta está na ponta dos pés, projetada pela objetiva.



*“Difícil fotografar o silêncio.
Entretanto tentei. Eu conto:
(...) Olhei uma paisagem velha a desabar sobre uma casa.
Fotografei o sobre.
Foi difícil fotografar o sobre.”*

Manoel de Barros, 2001





Caminhante

Rua, Campinas, 13: 81-95, 2007

*Praça das Águas:
Espaço "aberto" em meio
às ruas e prédios e tráfego
intenso. Espaço público
apropriado de diferentes
maneiras pelo bairro.
Descaso e encontro,
impressões e intervenções
na paisagem*





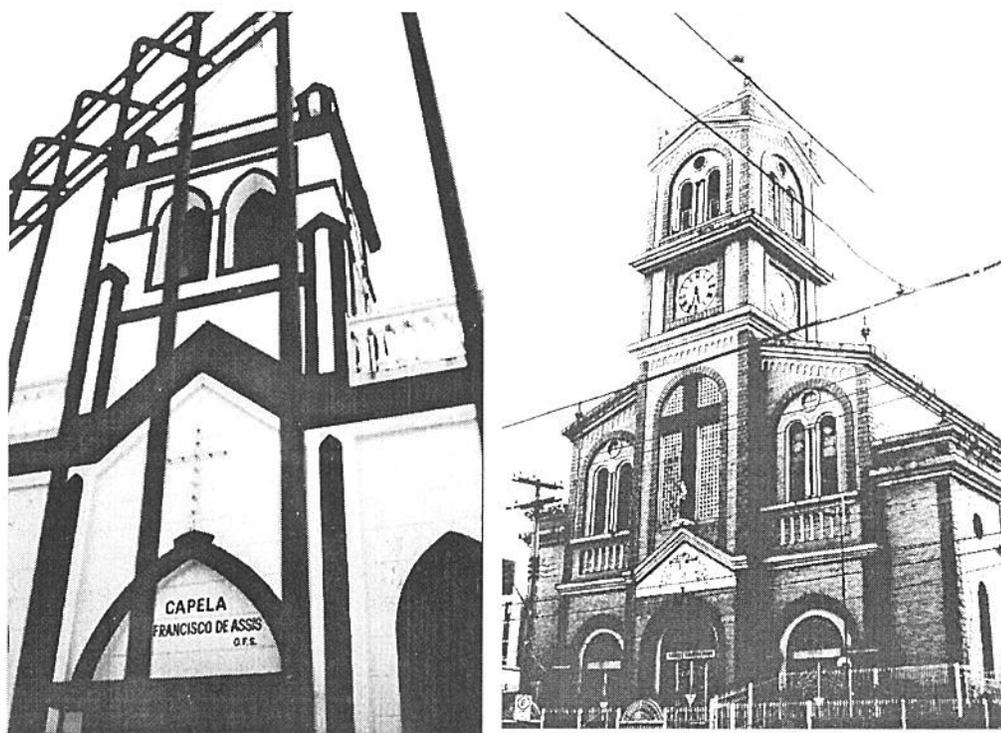
Rua da Abolição: Comércio local, baseado na confiança e nas relações de vizinhança tradicionais. Seo Giuseppe e sua barbearia, assim como outros estabelecimentos antigos, são referências simbólicas, comunitárias e afetivas que mantêm a identidade e a memória do lugar.



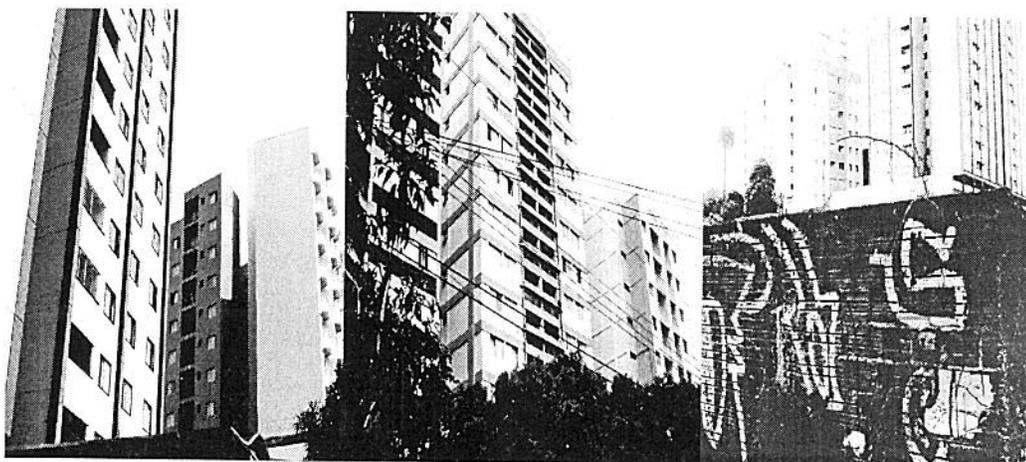
Rua Vitoriano dos Anjos – “Fachadas”: Seo Mário disse que a estrutura da casa tem mais de cem anos e foi construída por uma família de italianos que aqui se estabeleceu. História contada a partir de suas lembranças transmitidas por um tio. Continua: “– A fachada é mais recente, sendo feita pelo Cabral Pai, um português que conhecia o ofício de pedreiro e aqui viveu muitos anos. A fachada deve ter aproximadamente uns sessenta anos!”

Rua Oscar Leite – Ladeiras: Paisagem da memória inscrita em paralelepípedos de uma Campinas que não existe mais, de um Brasil de então, de ladeiras e arquitetura colonial. Até a paisagem sonora se mantém “à parte”. “Geografia se faz a pé”, na experiência do cansaço do caminhar, por estas íngremes passagens, conduzindo ao conhecimento dos lugares.





Lugares do Sagrado: Tempos e ritmos marcados pelas festas, cultos e celebrações. Religiosidade no dia dos santos, nas promessas e nos casamentos que se pedem e se realizam à sombra da cúpula azul da Igreja de Santo Antônio, ou das missas singelas celebradas na rua da Abolição na recém-reformada Capela de São Francisco de Assis (antiga sede paroquial do bairro).



Arranha-céus: Novo conteúdo e comportamento social, deixando as ladeiras e as janelas nas calçadas em favor da segurança. É outra experiência do bairro, mais segregada do ritmo orgânico das ruelas, distante das pessoas, das conversas e do caminhar.





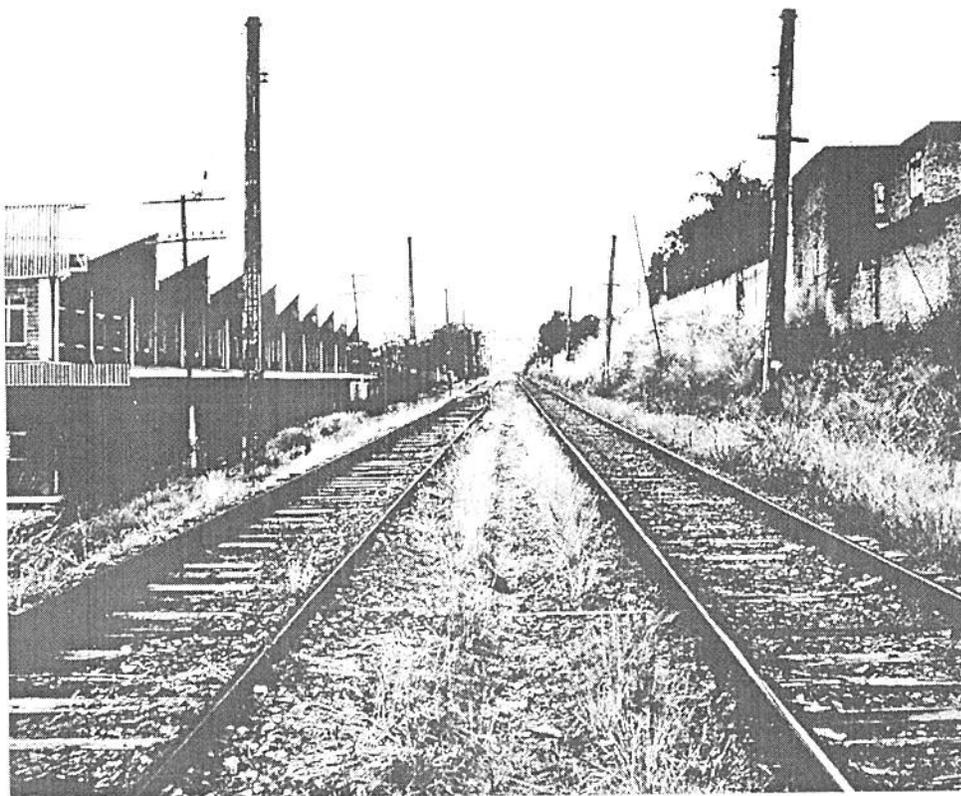
“Ruínas”: O grafite imprime marcas contemporâneas na paisagem arquitetônica do passado. O encontro de tempos e tribos se manifesta na apropriação do espaço, demarcando territórios nos lugares do abandono.

Associação Atlética Ponte Preta: O grafite do torcedor, o grito das arquibancadas e a tradicional camisa alvinegra projetam a identidade desse antigo bairro de ferroviários. A imagem da “Macaca” e a figura de seu fundador, Moisés Lucarelli, ecoam pelas ruas desse bairro povoando o imaginário de Campinas.





Cemitério da Saudade: Hierópolis sagrada, manifesta em seus túmulos-monumentos a história e a memória de Campinas e da Ponte Preta.



Linha Férrea: Motivo e contorno que corta o bairro, criando fronteiras e fragmentos. Integra e desagrega a paisagem, cria caminhos e descaminhos. Leva e trás: memória, paisagem, identidade, lugar. Ponte Preta.